Animatógrafo

DIRECTOR: ANTONIO LOPES RIBEIRO



EDWIGE FEUILLÈRE, a extraordinária actriz francesa, acaba de triunfar em «PRÓLOGO DUMA GUERRA» da «Aliança-Filmes»

2.ª SÉRIE — N.º 18 — PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS-FEIRAS — LISBOA, 10 DE MARÇO DE 1941 — PREÇO: 1$50



RKO RÁDIO-FILMES

vai apresentar

FREDDIE
BARTHOLOMEW

O GAROTO DO «**PEQUENO LORD**» AO LADO DE

SIR CEDRIC **HARDWICKE,**
JIMMY **LYDON,**
BILLY **HALOP**
E
JOSEPHINE **HUTCHINSON**

numa obra extraordinária de interêsse e de ternura dirigida por

ROBERT **STEVENSON**

«SERÁS UM HOMEM»

(TOM BROWN'S SCHOOL DAYS)

A vida nos colégios ingleses durante o séc. XIX









2.ª série N.º 18 / Preço 1$50

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória, R. do Alecrim, 65, Telef. 29856. Composto e impresso nas Oficinas gráficas da EDITORIAL IMPÉRIO, LDA. — R. do Salitre, 151-155 — LISBOA — Telef. 4 8276 Gravuras da FOTOGRAVURA NACIONAL - Rua da Rosa, 273

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

10 de Março de 1941

PREÇOS DA ASSINATURA

Ano . . . . 78$00
Semestre . . . . 39$00
Trimestre . . . . 19$50

Distribuidores exclusivos: EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2.º (Telef P. A. B. X. 27507) — LISBOA

É preciso acabar com o intervalo a meio das fitas!

Estamos absolutamente dentro da lógica. O intervalo é nocivo aos filmes e não há razões plausíveis que o defendam ou amparem. Nem sequer razões clínicas — que seriam de atender — pois nenhum médico considera perniciosa uma projecção contínua. Muitos, porém, se nos referiram ao facto de se não poder fumar nos cinemas e o fumo que se acumula nos corredores ser empurrado para a sala de espectáculo durante a projecção.

Depois das curiosas revelações do oftalmologistas D. António Parrado, que «Animatógrafo» arquivou num dos seus números transactos, verifica-se que o Cinema não prejudica a vista. O cansaço outrora experimentado durante as projecções desapareceu por completo desde que a aparelhagem se aperfeiçoou e a obturação foi estudada convenientemente.

As adesões à campanha contra o intervalo aumentam consideràvelmente. Na impossibilidade de arquivar tôdas elas nestas colunas seleccionamos algumas das cartas recebidas que tomamos a liberdade de transcrever textualmente.

No Pôrto, há 100 pessoas que protestam contra o 2.º intervalo!

Do Pôrto, escreve-nos Fernando Gorgel do Amaral que nos envia um abaixo-assinado com «cem verídicas assinaturas de entidades diferentes que condenam abertamente o 2.º intervalo.

«...e se V. Ex.ª precisar de mais, peço o obséquio de me informar, pois êsses cem representam uma parte, poderei dizer, mínima, das pessoas que assim pensam».

O Pôrto protesta!

Que todos os amigos de cinema lhe sigam o exemplo!

A opinião dum leitor que tem 74 anos

Diz Jerónimo Coutinho, de Lisboa:

«...Sr. Director. Tenho 74 anos. Creio que freqüento o Cinema há 25. Sempre me aborreceu ver as fitas grandes cortadas pelo intervalo.

«Os 10 minutos desperdiçados nêle não devem alterar o espectáculo. Se acabar mais cêdo, melhor. Se acabar mais tarde, também não haverá inconveniente.

«Poder-se-ia, talvez, prolongar o primeiro intervalo.

«No entanto, eu estou nestas circunstâncias:

«Não fumo.

«Não vou ao Cinema para falar de negócios ou da vida alheia.

Os nossos leitores aderem em massa à nossa campanha

«Não vou namorar. Quási sempre, faço-me acompanhar de minha mulher... que é ciumenta...

«Também não vou ao Cinema para passar o tempo, pois tenho muito que fazer para o desperdiçar.

«Portanto, vou ao Cinema para ver e apreciar Cinema.

«Isto quere dizer: por meu lado, abaixo o intervalo!»

Por que pateia o público quando a fita se parte e não quando surge o intervalo?

Por hoje, só mais outra carta, uma de Raúl Reis, que reza dêste modo:

«Meu caro António Lopes Ribeiro.

«Associo-me de alma e coração ao teu grito de revolta no «Animatógrafo» contra o segundo intervalo — aquele que interrompe estùpidamente a visão dum filme.

«Quando da estreia, êste ano ainda, no Tívoli, do filme «Sinfonia dos Trópicos», do qual conservo gratas recordações, foi como se tivesse apanhado um balde de água fria no momento em que surgiu o clássico intervalo de 10 minutos.

«Não pateei nessa altura, e sabe Deus com que vontade o faria, porque o público poderia interpretar a minha atitude por não ter gostado da fita.

«Agora já sei...

«Só uma pregunta quero fazer através de «Animatógrafo» — e essa gostava de saber: a razão porque uma plateia se manifesta ruidosamente quando a fita se parte a meio do espectáculo.

«Sim, porque neste caso a falta é involuntária, ao passo que o 2.º intervalo é voluntário.

«Eu não creio que sejam o bufete e o cigarro as razões que justifiquem o intervalo.

«Quando um filme é bom — e isto não se dá só com o Cinema — o espectador não se lembra do «whisky», do capilé, ou do cigarro.

«O segundo intervalo fez-se e existe ainda quanto a mim, por duas razões:

«1.º — Por os programas serem curtos.

«2.º — Para o «flirt», para a parada dos que não são cinéfilos e gostam de ver uma plateia que foi feita para estar às escuras.

«Solução minha: Já que não temos variedades nos cinemas — a-pesar-de haver tantos artistas nacionais e estrangeiros à boa vida — comecem os espectáculos às 10 horas, com um intervalo só, depois dos complementos!»

«Lily Marshall» — bem conhecida da nossa secção de «Correio de Bel Tenebroso» — envia-nos êste postal:

«Como cinéfila que se preza, não posso deixar de me associar a «Animatógrafo» para a supressão do 2.º intervalo, que nenhuma razão tem para existir. Como eu pensam, certamente, tôdas as pessoas que vão ao Cinema só para ver... Cinema!»

Leitores:

Quem gostar de Cinema, tem que condenar o 2.º intervalo!

Leitores, amigos, conhecidos e desconhecidos escrevam-nos ou telefonem-nos todos os dias contra o malfadado intervalo.

Continuamos a arquivar opiniões e sugestões até ao dia, sem dúvida próximo, em que as súplicas se transformem em responso.

Um protesto contra o 2.º intervalo e a hora tardia a que principiam os cinemas

«Astro 44» envia-nos a sua opinião que, muito gostosamente, aqui tornamos pública:

«...Sr Director. Também sou, como V. Ex.ª, inimigo público n.º 1 do intervalo e já milhares de vezes tenho amaldiçoado êsse «senhor» que, no melhor da festa, nos vem escangalhar o arranjinho para nos presentear com dez minutos de basbaqueira.

«Os senhores exibidores mostram-se renitentes em acabar com êle porque começam a pensar:

«— Há espectadores que jantam tarde; outros que querem fumar; outros preferem examinar, uma por uma, tôdas as senhoras presentes; outros...

«Mas esquecem-se os exibidores de que, com muito maior freqüência, há espectadores que:

«— Ficam mal dispostos quando vêem o maldito relójio que só trabalha dez minutos;

«Enchem-se, de tédio nas cadeiras e não sabem o que hão-de fazer, olhando aborrecidíssimos para o tecto da sala;

«— Olham para os programas, vasios de prosa e de interêsse, e resmungam de si para consigo: «E há coragem de impingir uma coisa destas a um cidadão que pagou o seu bilhete!»

«Sr. Director. Não concordo com a supressão total dos intervalos (V. Ex.ª sabe porquê) mas não acho bem o que divide os filmes grandes.

«Mais: não concordo com a hora tardia a que o espectáculo começa, porque o obriga, conseqüentemente, a acabar muito tarde...».

Mais protestos contra o 2.º intervalo!

Recebemos, ainda a tempo de publicar neste número, mais duas cartas de inimigos do 2.º intervalo.

De Lamego, escreve-nos Figueiredo Guedes:

«...quero também apoiar a campanha contra os intervalos que, sem dúvida, desvalorizam imenso os bons filmes.

«Ainda em Lisboa ou no Pôrto há dois ou três por sessão, mas na província (pelo menos aqui), de trinta em trinta minutos acendem-se as luzes para mudar de bobine...»

Alípio Alves Rodrigues diz-nos, por sua vez:

«Como bom cinéfilo que sou — apesar de contar apenas 17 anos — e leitor assíduo do seu jornal, tenho acompanhado com grande interêsse a importante iniciativa de «Animatógrafo» contra o intervalo, iniciativa esta que aplaudo sem reservas.

«Sinto a necessidade de protestar contra o famigerado intervalo a meio dos filmes, principalmente a meio do filme de fundo.

... ...

«Peço-lhe, Sr. Director, que não fraqueje nem desanime na sua campanha tão nobremente iniciada...»

«M. B.» — uma senhora — escreve-nos também a felicitar-nos e a garantir que, na sua opinião, e na das senhoras das suas relações, o 2.º intervalo não se justifica. Faz votos para que o «intruso» desapareça dentro de pouco tempo e declara que «qualquer pessoa de gôsto apurado não pode admitir a sua existência».

«Animatógrafo» manifesta a sua gratidão a «M. B.» e às suas amigas e garante não desistir da campanha enquanto o 2.º intervalo não tiver sido totalmente abolido.

DOIS HOMENS DISPUTAM CAROLE LOMBARD



Um dêles é FERNAND GRAVEY

Que escândalo!

...Escândalos de Amor...



O outro é RALPH BELLAMY

«Return engagement» é uma deliciosa comédia que mereceu os aplausos da Broadway. Autor, ou melhor, autores: Nancy Hamilton, James Shute e Rosemary Casey.

«Fools for Scandal», que tem em português o título «Escândalos de Amor», é a versão cinematográfica da engraçadíssima comédia. Dirigiu o filme — de que é produtor — o conhecido realizador Mervyn le Roy.

«Return engagement» vai aparecer, sob a forma de «Fools for Scandal», nas telas dos nossos cinemas.

Os protagonistas

Além da categoria excepcional dada a esta valiosa obra cinematográfica pelas situações que contribuíram em parte para o êxito da peça teatral, há que ver os artistas encarregados de viver os papéis de Kay Winters e de René.

Kay Winters é incarnado por Carole Lombard.

René por Fernand Gravey — ou, para seguirmos os americanos, Fernand Gravet.

Falar dela e falar dêle é quási inútil.

Carole Lombard — de seu verdadeiro nome Carole Jane Peters — ascendeu a grande categoria com «Nothing Sacred», «Love Confession» e «My Man Godfrey». O nosso público estima-a porque sabe que ela tem real valor.

Fernand Gravey — quem o não conhece e quem o não aplaudiu em «Que descaradão!» Quem há que não corra a ver as suas curiosas interpretações? «The King and the chorus girl» foi — como devem recordar-se — a sua primeira criação na América. Depois, na «Grande Valsa» atingiu uma culminância extraordinária.

Pois o Gravey das comédias volta a aparecer em «Escândalos de Amor».

Trata-se duma comédia espirituosíssima, onde todos os elementos se conjugam para a obtenção do êxito.

O reaparecimento de Gravey vai causar sensação.

A história

Contemos, a propósito, a história de «Escândalos de Amor», embora sem entrar em pormenores que se devem apenas conhecer na tela.

O marquês de Villiers é um nobre francês. A sua nobreza está na razão inversa dos seus bens. Vive com um inseparável amigo, que seria seu mordomo noutras circunstâncias, em soalheirenta mansarda duma praça de Paris. Quis o acaso que o jovem e pelintra fidalgo encontrasse, defronte duma igreja, onde se realizava auspicioso enlace, uma das mais célebres vedetas do cinema americano. Villiers é audacioso e sente por aquela formosa mulher irresistível atracção. Resolve, então, não a largar e conquistá-la por completo. Mas ela foge-lhe para Londres, para junto do americano que era seu noivo. Villiers persegue-a e consegue até ficar em sua casa, como cosinheiro. Mas nada há pior no mundo do que as invejosas. E a artista do cinema tem muitas amigas invejosas e coscovilheiras, que desejam fazer-lhe perder a reputação. As cenas encadeiam-se assim em sucessivos embroglios, até que é a própria artista quem persegue o fidalgo arruinado, porque já não pode viver sem êle.

O elenco

O elenco de «Escândalos de Amor», comédia romântica que vai provocar... um escândalo de gargalhada, é constituída por artistas de reconhecido mérito e que o público tem admirado em numerosos filmes.

Para completa elucidação do leitor publicamos a lista da distribuïção:

Kay Winters	CAROLE LOMBARD
René	FERNAND GRAVEY
Phillip Chester	RALPH BELLAMY
Dewey Gilson	ALLEN JENKINS
Lady Paula Malverton	ISABEL JEANS
Myrtle	MARIE WILSON
Jill	MARCIA RALSTON
Agnes	TOLA NESMITH
Lady Potter-Potter	HEATHER THATCHER
Papa Poli-Coeur	JACQUES LORY
Bessie	TEMPE PIGGOTT
Mme Brioche	MICHELETTE BURANI
Specialty	JENI LE GON

Em «Escândalos de Amor» aparecem também os Hite e a sua orquestra que executa vários números de êxito.

Os técnicos

Mervyn le Roy reüniu à sua volta pessoal criteriosamente seleccionado. Assim, confiou a fotografia a Ted Tetzlaff, a direcção artística a Anton Grot, a música a Richard Rogers e a Lorenz Hart, a direcção da orquestra a Leo F. Forbstein e o som a E. A. Brown e a David Forest.

Há ainda a destacar, em «Escândalos de Amor», as seqüências do «Petit Harlen», cuja direcção Mervyn le Roy confiou a Bobby Connolly.

Os diálogos adicionais são da autoria de Irv Brecher e a planificação de Herbert Fields e de Joseph Fields.

Como se vê, a comédia que a SIF vai apresentar brevemente, foi trabalhada por verdadeiros especialistas. Por isso o resultado é surpreendente e quem vir «Escândalos de Amor» passará uma hora agradável, divertindo-se com uma história amável e graciosa, recheada de situações cómicas e de cenas de discreto romantismo em que os americanos são mestres.

A SIF, que, como se sabe, representa em Portugal a Warner Bros, orgulha-se por apresentar a última criação de Fernand Gravey que, ao lado de Carole Lombard, colocou num nível superior a graciosa comédia «Fools for Scandal» — «Escândalos de Amor».

«ESCÂNDALOS DE AMOR» estreia-se amanhã no São Luiz, apresentado pela S. I. F.

POSSIBILIDADES dum cinema ibérico

A revista espanhola «Primer Plano», no seu número de 23 de Fevereiro findo, publica em editorial as seguintes palavras perentórias:

«A galerna bélica que agita actualmente a Europa arrojou para Portugal uma ressaca de figuras relevantes da Cinematografia europeia, o que veio robustecer a importância que nêsse sentido tinha já a nação irmã. Dali tinham que surgir as iniciativas que a actual situação do velho Continente vai criando à sétima arte e dali surgiu, ao calor cordial do temperamento português, requintado e ágil, a idéia de um «cinema latino». Mas resulta que tal designação não nos agrada. Recusamos sempre tal denominação, por difusa; mas mais ainda neste caso porque desenquadra a exacta razão do seu ser actual.

«Necessitamos, nesta hora da verdade que a Europa atravessa, a frase concreta e exacta para cada expressão. E com esta precisão dizemos hoje que a finalidade de um «cinema latino» com vista à América, partindo da margem atlântica de Portugal, não é justa. Porque aquela é finalidade espanhola, ou, mais completamente, para que nenhuma porção geográfica se exclua, ibérica; porque não fomos à América como latinos, mas sim como espanhóis; e se rejeitamos a denominação de América latina por serem termos impuros que não correspondem à era de sacrifício, mas sim à de benefício, mal poderiamos aceitar uma «Cinematografia latina», o que seria como ir levados por gente alheia a casa de nossos pais. A esta régia emprêsa cinematográfica, a que levam os seus entusiasmos e os seus desvelos, com inquietações e ambições irmãs, Espanha e Portugal, não caberia outro apelido senão aquêle que expressa já, conjuntamente com a grandeza do empenho, a razão histórica e geográfica em que ambos os países se enraízam: cinema ibérico. Espanha e Portugal estão já plenamente de acôrdo quanto à sua singular missão cinematográfica. E esta idéia, já em marcha (consignemos com júbilo a contribuïção que lhe foi dada pela recente visita a Lisboa de Garcia Viñolas, anotada oportunamente nestas páginas), lança desde Portugal, por cima do Atlântico, à América fraterna, a voz ambiciosa dos seus anseios, na única expressão que não dá lugar a traduções dubitativas, nem a interpretações convencionais.»

Se todos os problemas internacionais se propuzessem com tanta clareza e sinceridade, por certo não haveria tão desastrosas conseqüências a assinalar as tentativas da sua solução.

Porque dum alto problema internacional se trata, e que é êste de conjugar esforços paralelos, em busca dum destino cinematográfico melhor.

Pensou-se em Portugal (e cabe-nos em tal iniciativa uma responsabilidade a que não nos furtamos) reünir, centralizando-os e reforçando-os, os anhelos estéticos e comerciais dos técnicos cinematográficos de vários países do ocidente e do sul, para erguer diante da América do Norte um conjunto de possibilidades novas. Sabíamos que a América do Norte não nos tomaria nunca (nem aspirávamos a tal) por ambiciosos rivais: antes apoiaria uma ânsia de perfeição que ajudaria à propaganda dum espectáculo em que domina sem receios de concorrência.

Mas dizem-nos de Espanha — e com razão — que o problema é, a um tempo, mais simples e mais vasto. E assegura-nos que basta conjugar os esforços de Espanha e Portugal, projectando-os na América do Sul, para que surja um Cinema suficiente, forte e digno, capaz de se bastar em qualidade e quantidade, em técnica e em capacidade mercantil.

Assim o cremos também. E em tal sentido passaremos a combater, com os nossos meios, para que do «Cinema Ibérico» que se propõe resultem mais vastos horizontes para o Filme Espanhol e para o Filme Português.

Infelizmente, não nos compete a nós outra coisa senão abrir caminho, missão ingrata de jornalista, a quem não cabe outra posição que não seja a da frente de combate. Porisso exortamos os que podem mais a não desprezar o sulco aberto por nossas mãos, conduzindo o Cinema Ibérico ao seu claro e legítimo fim.

As possibilidades que se lhe deparam são imensas. Ignorar a porta que se abriu, a mão que se estende, o campo que se rasga — seria imperdoável e fatal.

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

PANORÂMICA

O «Dia Nacional»

A Direcção do Grémio Nacional dos Cinemas esclareceu como convinha a carta, a que nos referimos no último número, enviada ao Grémio Nacional dos Distribuidores de Filmes. De facto não poderia a Direcção do Grémio assumir por si só a responsabilidade duma adesão total nas condições propostas, por parte de todos os seus agremiados da província, cuja situação conhece e lhe cumpre defender, sem uma consulta prévia e pormenorizada. Isto não quere dizer que não dê à generosa ideia todo o seu apoio moral e material, nem que se poupe aos esforços necessários para que o «Dia Nacional do Espectáculo Cinematográfico» a favor das vítimas do ciclone tenha todo o brilho e obtenha os resultados necessários.

Está em jôgo o brio e a iniciativa do espectáculo português mais poderoso e popular. E a emprêsa será levada até o fim, certamente compensador.

Por isso a Direcção do Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema, de acôrdo com as Direcções dos dois Grémios, decidiu convocar para hoje uma reünião preliminar, em que se estudem e assentem as bases da organização, em tôda a sua extensão e indiscutível complexidade. O Sindicato põe os seus serviços à disposição da Comissão que hoje será nomeada, e de cujos trabalhos o «Animatógrafo» irá dando conta, esperando que tôda a imprensa o acompanhe, coadjuvando uma iniciativa daquelas emprêsas que são, sem dúvidas, os seus melhores anunciantes.

O intervalo

Verificámos com júbilo que algumas emprêsas, compreendendo inteligentemente que a nossa campanha «cinéfila» contra o intervalo a meio das fitas traduz a vontade de grande parte do público, empreendeu os esforços necessários para encontrar uma solução viável, que salvaguarde os interêsses legítimos (e a que sempre nos temos referido) ligados ao intervalo. Longe de nós a ideia de menosprezar tais interêsses. Os preços dos bilhetes de cinema em Portugal são baratos até o inverosímil. É portanto natural que se vá buscar à publicidade a justa compensação. O público, regra geral, quere bom e barato. Mas há também quem queira muito bom e tanto quanto possível de borla...

Alguma coisa se conseguiu já, portanto. O São Luiz, sempre na vanguarda, exibe «A Loja da Esquina» *sem intervalo*. E o filme que se segue, «Tormenta a Bordo», será exibido nas mesmas condições. E assim será, *sempre que seja possível*.

Porque nós não pedimos impossíveis: pedimos boa vontade — e amor ao Cinema.

Argumentos de filmes

A Editorial Globo envia-nos pontualmente, o que muito agradecemos, os números de uma colecção que, a todos os títulos, não pode passar-nos despercebida: «Argumentos de Filmes», de que já se editaram cinco tomos, contendo novelas baseadas nos filmes de maior interêsse, sob o ponto de vista de acção. Bem apresentados, bem impressos, bem escolhidos, bem ilustrados e bem redigidos — o que é raro! — a colecção tem muito interêsse, pelo que deve figurar nas estantes de todos os cinéfilos.

Duas figuras

Encontram-se em Lisboa duas figuras do maior relêvo dentro da Cinematografia mundial: o sr. Charles Pathé, fundador e animador da marca celebérrima, e Eugénio Schüfftan, o grande operador cujo nome está ligado a um dos mais engenhosos processos de filmagem, e que «Metropolis», de Fritz Lang, popularizou. A um e outro dedicaremos pròximamente artigos especiais.

Ginger Rogers

O nosso próximo número será especialmente dedicado a Ginger Rogers, ídolo da nossa redacção, a quem acaba de ser conferido o mais alto prémio cinematográfico do ano: o «Oscar» da A. M. P. A. S., pela sua interpretação em «Kitty, a Rapariga de gola branca». Cada um dos nossos redactores dedicará um artigo a uma das fases da sua carreira fulgurante, artigos que ilustraremos com grande profusão.

Marie Dubas

Casou na passada sexta-feira, na igreja de São José dos Carpinteiros, a grande artista e nossa querida amiga Marie Dubas, com o sr. Roger Bellair, capitão-aviador do Exército Francês. Foram padrinhos António Ferro e sua mulher, a poetiza Fernanda de Castro.

Os nossos mais efusivos parabéns.

VAMOS VER A PEQUENINA JANET CHAPMAN representar como uma GRANDE ACTRIZ!



Um papel que faria recuar, pela sua complexidade, muita actriz «crescida», é interpretado sem desfalecimentos por uma actrizinha até agora desconhecida

No firmamento de Hollywood despontou, recentemente, como se sabe, uma nova estrêla: Janet Chapman.

O nosso público só a conhece, por enquanto, através do que «Animatógrafo» lhe disse, e lhe mostrou em fotografias. Dentro de pouco tempo, porém, a sua curiosidade será satisfeita. E então verá que, tudo o que se pode escrever a respeito da nova actrizinha é excedido, em larga escala, por ela própria, no filme «A menina da Sorte».

Janet Chapman causou assombro nos Estados Unidos. Não se trata do vulgar caso da menina com «jeitinho para representar», mas sim dum real talento, perante o qual os artistas adultos ficam surpreendidos. Grande actriz! — chamam-lhe, em unísono, os jornais norte-americanos.

A sua criação em «A menina da Sorte» é a todos os títulos, excepcional, invulgarmente excepcional. Basta dizer que, a-pesar-de contracenar com artistas com longos anos de prática e de triunfos, consegue deixá-los na sombra e atrair sôbre si a atenção dos espectadores mais exigentes.

JANET CHAPMAN, CASO ÚNICO

Nunca faltaram ao cinema crianças com qualidades para representar, mas, depois de vermos a pequenina Janet Chapman, verifica-se que existia, de facto, uma lacuna. Janet Chapman é única. Os críticos americanos não exageram ao afirmar tratar-se duma grande actriz.

Chega a parecer espantoso que uma garota de palmo e meio possa reünir tantas condições para representar. Sensibilidade, comunicabilidade, identificação com a personagem, à-vontade, segurança, naturalidade, boa voz, excelente dicção — tudo isto se encontra em Janet Chapman.

Dum dia para o outro, a desconhecida passou à celebridade. O seu nome universalizou-se.

A nova conquista de Hollywood é, já hoje, uma «certeza» artística universal.

«A MENINA DA SORTE»

Coube à S. I. F. a honra de apresentar Janet Chapman aos cinéfilos portugueses.

«A menina da Sorte», comédia dramática, reüne tôdas as condições de agrado requeridas pelas nossas platéias, sempre prontas a vibrar com qualquer nota sentimental. Mas Janet sabe também fazer rir — e com que inteligência!

Estamos certos de que, após a estreia da comédia anunciada, o público reconhecerá a verdade das nossas palavras.

Não queremos, propositadamente, levantar todo o véu que oculta, por enquanto, para nós, o talento e o inegável valor da nóvel actrizinha. Tampouco pretendemos revelar o que é o filme ou o que é o papel de Janet.

Supomos ter dito, contudo, o suficiente para se poder aquilatar o talento da pequenina estrêla.

E o público dirá, como nós dissemos, e como disse Hollywood:
— Como é possível ter-se tão viva inteligência e tanto saber que, ao contrário da fórmula clássica, não é de experiências feito!

Pouco tempo falta já para satisfazer a nossa natural curiosidade..

Janet, «the little Janet», vai passar a ser «the great Janet».

As crianças são sempre encantadoras, mas Janet Chapman possui, além do seu encanto natural, o talento pujante que a impõe à admiração dos adultos.

As platéias extasiam-se perante as suas interpretações e chegam a admirar-se de que uma actrizinha daquele tamanho possa, de facto, ombrear com artistas de carreira.

Pois Janet Chapman não pode sequer suscitar um problema que provocou discussões acêrca doutras artistas miúdas: podemos garantir tratar-se, na verdade, duma criança, e não dum ente anormal, raquítico ou anão.

Profetizamos-lhe um futuro brilhante e excepcional.

Profetizamos também que as platéias vão delirar com a nova conquista dos estúdios da Cinelândia.

F. M. F.



Janet Chapman, a miúda que representa «como gente grande», é a autêntica vedeta dum filme que reüne, a seu lado, Ann Sheridan, John Lyndell e Frank Mac Hugh

CINEMA PORTUGUÊS

O artista deve isolar-se

A sua tôrre de marfim
uma realidade e uma necessidade

O artista — principalmente o de Teatro e o de Cinema — é um ser àparte na vida. Envolve-o uma auréola e cerca-o uma lenda que o afasta, a bem dizer, do ente humano, da creatura vulgar, com preocupações terrenas e males do estômago. Divinizado, quási, pela sua essência, pela sua qualidade de personagem por cuja bôca falam mil personagens, o público habituou-se a olhá-lo com admiração igual à do índio adorador do Sol. Entre o palco — ou a tela — e o espectador há uma distância hàbilmente marcada para os separar involuntàriamente. E se, por vezes, ela é anulada, deve-se ao facto do actor atrair a si o público, levando-o a misturar-se com as personagens da peça — ou do filme — e não ao facto da plateia chamar até a si o artista.

O intérprete trabalha também num nível superior ao da multidão: a tela e o palco estão, de facto, num plano mais elevado do que a assistência.

Muitas vezes se tem falado da importância da vida particular do actor na sua carreira pública; da importância e necessidade da sua moral, da sua conduta.

A profissão de actor — como qualquer outra, aliás, — exige sacrifício, dedicação e disciplina. Quem se destina à arte de interpretar torna-se servidor, quando não escravo, do público sempre pronto a premiar o seu talento e o seu valor.

O Cinema, pelas suas características especiais, envolve o actor numa aura mais fulgurante e tornou-o quási uma sombra imaterial, impalpável — meio sonho, meio realidade — elevando-o no conceito das multidões, porque é um ser ao mesmo tempo ausente e presente, espiritualizado e materializado, agindo e reagindo num mundo àparte.

Êste facto trouxe-lhe, todavia, maior responsabilidade e até dissabores do que para o actor de teatro.

☆

As considerações feitas acima podem — e devem — estender-se a todos os elementos de primeira grandeza de qualquer arte.

Ainda no campo da representação, não só o actor é abrangido pelas regras ideais indicadas, mas também o encenador.

O encenador ocupa o primeiro lugar; cabem-lhe honras de chefe, de mentor, de disciplinador: dêle parte a indicação segura do bom caminho a trilhar. A sua vida está também limitada por um círculo que o isola do grande público.

Por tudo isto, e por muito mais que deixamos à inteligência do leitor, o artista — o verdadeiro artista — vive afastado do seu público. Quanto mais longe dêle, mais próximo se encontra. A sua tôrre de marfim é uma realidade e uma necessidade. Isolando-se, o artista torna mais luminosa a auréola que o envolve, aguça o uranismo dos seus admiradores — e o seu prestígio cresce sempre, ganhando formas e volumes. Isolando-se da multidão, torna-se respeitado e querido. Isto dá-se, de facto, com todo aquele que cria Arte.

☆

Isto significa não ser admissível que, por exemplo, uma actriz de cinema, neófita ou não, aparecesse amiude em cafés, onde se reünisse em franco e ruidoso convívio com meia dúzia de senhores, foliões e de magro espírito, passando as horas de ócio a dizer frases soezas, manchadas de calão e de vulgaridades.

Uma vez, o episódio passa. Duas vezes tornar-se-ia notado. À terceira vez, já não havia nada a fazer e o descrédito nasceria nos criados que servissem a «ingénua» menina e alastraria até aos freqüentadores do café que constituem o público «vulgaris» de Lineu, o bom e paciente público que estava disposto a aplaudi-la e a pagar para a admirar na tela.

Não tardaria muito tempo que, nesta grande aldeola que é Lisboa, a vedeta estivesse por terra e ninguém a considerava. Nem sequer a pobrezinha tivera a inteligência suficiente para defender a sua fraqueza de espírito e a anemia do seu intelecto! Nunca mais seria possível tomá-la a sério.

Tampouco seria lícito aceitar que um artista — encenador, literato ou músico — fizesse do café sala de audição para se entreter, nas horas de tédio, em cantares, anedotas e conversas banais. Porque êsse ficaria também condenado.

A sua própria côrte, que faria côro na pândega e no bulício, seria a primeira a desconsiderá-lo na ausência e a lastimar a sua falta de bom-senso e de respeito próprio. O tempo se encarregaria de destronar o desastrado artista, sepultando-o nas ruínas da sua obra desacreditada.

Medonha senda é a vida em que ninguém pode — ou deve — fazer o que quere — porque a sociedade está à janela pronta a reparar, a comentar, a criticar!

Medonha coisa será, mas o homem criou-a assim e quere-a tal qual está.

E quem se dedica a uma profissão séria e elevada, deve respeitá-la como se respeita um sacerdócio.

☆

¿Mas a que propósito vêm estas palavras?

A nenhum propósito. Escrevemo-las apenas num momento de enfadonha meditação, numa tarde sem Sol — para evitar futuros êrros e lamentáveis desenganos.

MOTA DA COSTA

VER OUVIR... E FALAR

Os jornais noticiaram há dias que o Estado, por intermédio do seu departamento de auxílio aos desempregados, concorreu com certa verba para o cinema português. Já não é a primeira vez que as entidades oficiais olham com idêntica atenção para o teatro e, conquanto a verba não seja ainda de molde a todos podermos cantar vitória, o facto tem pelo menos significado importante que convém salientar. A Tobis Portuguesa tem alguns filmes na forja. O referido dinheiro dar-lhes-á certo desafôgo, ainda que, com certeza, não possa dar contôrno de realidade a todos os seus planos. Mas esperemos, pacientemente. Roma e Pavia não se fizeram num dia. O facto que os jornais há dias apontaram é já bem significativo do interêsse do Estado pelas nossas coisas de cinema e a certeza de que certas palavras e certas iniciativas não caem em cesto rôto.

Recordemos a distância que vai dos nossos dias àqueles em que se julgava que o cinema português não passava dum título de bela sugestão artística e patriótica. Construir um estúdio, evocar uma época de grandeza histórica ou realizada burguêsmente dentro do nosso tempo, seleccionando artistas, reünindo maquinarias, fabricando guarda-roupa e montagens — parecia a muitos tarefa superior às nossas fôrças e recursos. Dizia-se então que se tudo isso, por milagre, aparecesse dentro de vinte e quatro horas em Portugal, com esta pecha de descanso, de péssimismo e de negação que nós temos, não faltariam coisas a emperrar a iniciativa, taxando-a de audaciosa ou de falível.

Nem tanto ao mar nem tanto à terra. Não nos podemos fiar em milagres, nem tão pouco desistir com receio de comentários.

O cinema português instalou-se. Fizeram-se tentativas, foi-se até longe em determinados aspectos e hoje as nossas produções (perdõe-se o têrmo) têm algumas caracteristicas que nos permitem assegurar que, no dia em que tudo se revista daquela indispensável disciplina industrial que permite a continuidade, teremos condições para chamar sôbre nós a atenção de muitos públicos estranhos.

Queremos esclarecer que, ao escrevermos isto, temos presente o conhecimento de que, no nosso país, a «indústria» do cinema, — classificamo-la assim propositadamente, — não pode ter a veleidade de rivalizar com o que de melhor se faz em Hollywood ou noutra parte. Temos de ser modestos e discretos. Começar devagarinho, paulatinamente, dando tempo ao tempo. Grande nau, grande tormenta — lá diz o nosso povo, que como nenhum outro tem o segrêdo de desnudar o âmago de tôdas as questões, enunciando-as numa geometria límpida de pensamento.

Alguns filmes se têm feito em Portugal com relativo interêsse. Bons e maus. Por todos êles tenho uma grande ternura. Representam uma grande soma de entusiasmo, de esperança, de contrariedades esmagadas, de fé activa, que por fim venceu com maior ou menor brilho. E podem crer que muitos dos meus reparos a alguns dêles é porque há coisas que se metem pelos olhos dentro...

AUGUSTO FRAGA

O novo laboratório da ULYSSEA-FILME

A Ulyssea-Filme é um laboratório português dirigido por José Nunes das Neves, um dos mais dedicados e competentes elementos com que pode contar a nossa indústria cinematográfica.

Apaixonado por fotografia, José Nunes das Neves, que foi agente de seguros e que, durante muitos anos, esteve ao serviço da «Ultramarina», veio para o cinema trazido pela sua paixão, e ràpidamente marcou o seu lugar. Foi assistente do operador Heinrich Gärtner em «Gado Bravo»; colaborou nas filmagens de «A Revolução de Maio», e desde 1929 que dirige a Ulyssea Filme, em que teve por sócios Manuel Albuquerque e Raúl Lopes Freire.

As primitivas instalações da Ulyssea Filme, que se especializou na confecção de legendas sôbre-impressas, foram destruídas por um incêndio em 26 de Dezembro de 1935.

Mas Nunes das Neves não desistiu. Com a sua proverbial tenacidade, aproveitou a catástrofe para se instalar condignamente. Adquiriu casa própria, na rua D. Carlos de Mascarenhas. E quem hoje visita o novo laboratório, arejado, higiénico, disposto de forma a dar o melhor rendimento de trabalho e as melhores garantias de segurança a todos os que lá trabalham, mal reconhece a simpática firma que esteve tantos anos instalada em quatro cubículos do Palácio Foz, na Praça dos Restauradores.



Nunes das Neves, rodeado pelo Presidente do Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema, pela tradutora D. Maria de Sotto Mayor e Abreu e pelo pessoal do seu laboratório, momentos após a inauguração

Quis José Nunes das Neves que a cerimónia inaugural das novas instalações da Ulyssea decorresse em absoluta intimidade. Ela não foi por isso menos significativa. E, para dar o impulso simbólico à máquina de imprimir legendas, teve a gentileza de convidar o Presidente da Direcção do Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema e Director do «Animatógrafo».

Nunes das Neves não esquece que foi êle um dos principais impulsionadores, com Manuel Albuquerque, da fundação do Sindicato, que depois disso andou tão mal parado.

Convidou ainda a sr.ª D. Maria de Sotto Mayor e Abreu, uma das nossas mais competentes tradutoras de filmes, e reüniu numa merenda, na sala de projecção do laboratório, todo o seu pessoal, cuja dedicação êle reconhece e retribui. Êle e a sua associada, sr.ª D. Celeste Maria Quaresma, fizeram as honras da casa, tendo as instalações merecido dos visitantes os mais rasgados e justos elogios.

Antes de pôr em andamento a máquina das legendas, António Lopes Ribeiro fez o elogio de José das Neves, enaltecendo a sua obra e a da Ulyssea, palavras que aquele senhor agradeceu comovido.

A máquina foi posta a funcionar, entre aplausos. E o pessoal associou-se à homenagem prestada ao seu patrão, pela bôca do sr. Américo Couto.

«Animatógrafo» deseja à Ulyssea Filme tôdas as prosperidades de que é merecedora.



O cineasta Arthur Dewart vai produzir um novo filme baseado na célebre peça de Maître Branche Courte «Recompense».

A actividade desenvolvida por Arthur Dewart tem sido enorme, a-fim-de poder começar as filmagens dentro do mais curto prazo. Tão fatigado anda o produtor Arthur Dewart pela energia desenvolvida que até há dias a actriz Thereze Couple, que é muito capaz de ir fazer a protagonista, lhe aconselhou a que não fizesse esforços, ao que êle respondeu:

«— Qu'est-ce que tu penses? Que tourner la «Recompense» non canse?»

— O realizador Lyton Bar, que está a produzir «Ala, Arriba!» ao mesmo tempo que dirige as filmagens de «Marie de La Fontaine», resolveu dar a êste filme, em virtude da violência de algumas cenas, o título «Ala, Arreia!»

Para interpretar a protagonista «Marie de La Fontaine» indigitam-se várias actrizes. Entre as candidatas que reúnem mais probabilidades figuram:

Dinah Thérèze, *porque tem uma grande desenvoltura;*

Irene Isig Droo, *porque é duma enorme actividade;*

Marie Clémentine, *porque é uma mulher de armas;*

Mad de Sotto, *porque não tem condições nenhumas para o papel;*

Beatrice Coast, *porque é muito liberal;*

Mary Mattush, *porque é, pouco mais ou menos, da mesma época.*

HOMEM-SOMBRA

CARTAS DUM CINÉFILO

Extraordinário director:

Só hoje lhe escrevo porque só hoje é que tive alta do hospital, aonde fui parar vítima dos deveres da minha profissão. Como lhe disse fui entrar nas filmagens da fita do sr. Leitão de Barros. Fazia um papel tão importante que até tive que estar uns dias no hospital.

Mas vou-lhe contar como os casos se passaram para o sr. ver e muitos jovens que cheios de ilusões querem entrar para o cinema, saberem o que aquilo custa, além do dinheiro que se gasta.

A ideia da fita do sr. Leitão de Barros é muito interessante. Passa-se na Póvoa de Varzim, entre pescadores do tempo da Maria da Fonte e chama-se, sabe-se lá porquê, «Ala Arriba». A cena que filmámos era uma excursão que vinha da Póvoa ver a exposição de Belém.

A cena constava do seguinte e foi feita tão ao vivo que eu ia ficando morto. O grupo excursionista começou aos «vivas» em frente ao palácio, armados de paus a fingir que eram aparelhos de pesca. Depois começámos a bater com os paus uns nos outros e a dar mais «vivas». A seguir e aqui é que foi a parte mais interessante da filmagem. A rapaziada exigiu do tesoureiro do grupo excursionista dinheiro para ir dar uma volta pela exposição. O tesoureiro começou a dizer que só mais tarde é que se distribuía o dinheiro, mas como era preciso distribuir qualquer coisa, os sócios desataram a distribuir pancada uns aos outros aos «vivas» à Maria da Fonte, que por mais que me digam devia ser uma mulher de algum pescador ou então o nome de algum barco.

Eu também comecei aos «vivas» mas pelas minhas contas só devo ter dado três «vivas» apesar de, pelo contrato ter que dar cinco «vivas».

No entanto, como sou cumpridor, quando voltei a mim dei os outros dois «vivas» que faltavam e mais um ao sr. Leitão de Barros pela ideia que teve de fazer uma fita com pescadores à moda do Minho, pois já me constou que a tal Maria da Fonte é dali.

Para estas cenas violentas devia haver uns duplos para figurantes, pois evitava-se que eu e outras pessoas como eu sofressem as conseqüências das ideias que os outros têm de fazer fitas.

Sem mais, espero que no seu jornal me deseje o meu rápido restabelecimento. Seu amigo, daqui por uns dias de novo às suas ordens.

Ignácio da Purificação

Os Prémios da Academia

"ANIMATÓGRAFO" EVOCA A SUA HISTÓRIA E FALA DOS VENCEDORES DE 1940

A aura do cinema europeu, a época brilhantíssima do filme sueco e do filme germânico, que durante alguns anos nos dera obras-primas que ficariam marcadas em caracteres de ouro na História do Cinema, estava, por volta de 1926, em pleno ocaso.

Iam longe já os tempos de «Caligari» e da «Carroça Fantasma», de «Variedades» e do «Mosteiro de Sandomir», do «Último dos Homens» e de «Prova de Fogo».

A América que tivera o rasgo feliz de chamar a si, mercê da atracção irresistível da sua finança, da prodigalidade dos magnates do seu cinema, a grande maioria dos obreiros do cinema europeu da época de oiro, via o nível da sua produção a alcandorar-se a alturas que certamente nunca supusera poder alcançar.

A máquina trabalhava agora com um rendimento, uma precisão e uma qualidade de produto excepcional, que era preciso manter, se não aperfeiçoar e exceder. Era indispensável que o Cinema da América mantivesse essa supremacia, de que, com tanta justiça se orgulhava. Era preciso estimular, louvar, premiar todo o esfôrço, fôsse qual fôsse o campo de actividade cinematográfica, para que isso servisse de incentivo e de galardão.

E, assim, a 11 de Maio de 1927, fundava-se, com a colaboração unânime de tôda a indústria — do produtor ao actor, do realizador ao técnico — uma organização que viria a tornar-se numa das mais importantes e representativas instituições do cinema do lado de lá do Atlântico — a American Academy of Motion Picture Arts and Sciences, a Academia Americana das Artes e Ciências Cinematográficas.

A sua finalidade fôra claramente expressa nos seus estatutos, consistindo em «manter harmoniosas relações no seio da indústria», ao mesmo tempo que «chamar para essa indústria a atenção das pessoas alheias à sua acção, e também conseguir o respeito dessas mesmas pessoas pelas actividades da gente do cinema». Por fim, um outro dos seus propósitos, talvez o principal, era «estimular os vários elementos da indústria cinematográfica americana levando-os a melhorar continuadamente o nível artístico e técnico dos filmes saídos dos seus estúdios.

A produção da época 1927-28 foi a primeira a ser submetida à apreciação da Academia. Os resultados dêsse primeiro «referendum» são dados noutro local.

Para prémios foram criadas umas estatuetas de bronze — os famosos «Oscars» — que mais tarde, a partir de 1931, passaram a ser moldados em oiro.

Quadro dos resultados principais

Ano	Filme	Realizador	Actriz	Actor
1927/28	«ASAS» (Paramount) «AURORA» (Fox)	FRANK BORZAGE («A Hora Suprema»)	JANET GAYNOR («A Hora Suprema», «Anjo da Rua» e «Aurora»)	EMIL JANNINGS («A tortura da carne» e «A última ordem»)
1928/29	«BROADWAY MELODY (M-G-M)	FRANK LLOYD («Weary River, «A Mulher Divina», «Drag»)	MARY PICKFORD («Coquette»)	WARNER BAXTER («In Old Arizona»)
1929/30	«A OESTE NADA DE NOVO» (Universal)	LEWIS MILESTONE («A oeste nada de novo»)	NORMA SHEARER («A Divorciada»)	GEORGE ARLISS («Disraeli»)
1930/31	«CIMARRON» (RKO)	NORMAN TAUROG («Skippy»)	MARIE DRESSLER («Min ant Bill»)	LIONEL BARRYMORE («Uma alma livre»)
1931/32	«GRANDE HOTEL» (M-G-M)	FRANK BORZAGE («Bad girl»)	HELEN HAYES («Pecado de Madelon Claudet»	FREDERICH MARCH («O Médico e o Monstro»)
1932/33	«CAVALGADA» (Fox)	FRANK LLOYD («Cavalgada»)	KATHERINE HEPBURN («Glória de um dia»)	CHARLES LAUGHTON («A vida privada de Henrique VIII»)
1933/34	«UMA NOITE ACONTECEU» (Columbia)	FRANK CAPRA («Uma noite aconteceu»)	CLAUDETTE COLBERT («Uma noite aconteceu»)	CLARK GABLE («Uma noite aconteceu»)
1934/35	«REVOLTA NA BOUNTY» (M-G-M)	JOHN FORD («O Denunciante»)	BETTE DAVIS («Uma mulher perigosa»)	VICTOR MAC LAGLEN («O Denunciante»)
1935/36	«O GRANDE ZIEGFELD» (M-G-M)	FRANK CAPRA («Doido com juizo»)	LOUISE RAINER («O grande Ziegfeld»)	PAUL MUNI («A vida de Pasteur»)
1936/37	«A VIDA DE EMILIO ZOLA» (Warner)	LEO MAC CAREY («Com a verdade me enganas»)	LOUISE RAINER («Terra Bendita»)	SPENCER TRACY («Lobos do Mar»)
1937/38	«NÃO O LEVARÁS CONTIGO» (Columbia)	FRANK CAPRA («Não o levarás contigo»)	BETTE DAVIS («Jezebel»)	SPENCER TRACY («Homens de Amanhã»)
1938/39	«GONE WITH THE WIND» (M-G-M)	VICTOR FLEMING (G W T W)	VIVIAN LEIGH (GWTW)	ROBERT DONAT («Adeus, Mister Chips»)
1940	«REBECCA» (United Artists)	JOHN FORD («The grapes of wrath»	GINGER ROGERS («Kitty Foyle»)	JAMES STEWART («The Philadelphia Story»)

OS VENCEDORES DE 1940

apreciados pelos redactores do «Animatógrafo»

JOHN FORD

por ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

O realizador americano John Ford ganhou pela segunda vez a estatueta cobiçada por todos os realizadores, galardão anual da Academia Cinematográfica de Hollywood, que confere ao seu possuïdor o título invejável de «o melhor realizador do ano». Só a quem não conheça a complexidade e a ingratidão de tal ofício pode escapar a justa compensação que semelhante prémio representa. O realizador, embora tenha o seu nome em grandes letras (e isso mesmo só de há poucos anos para cá) nas legendas de entrada dos filmes, vive fora da fama brilhantíssima que aureola as «estrêlas», actores ou actrizes, cujas fisionomias e cujo trabalho se estadeiam pelas telas e pelas páginas das revistas de todo o mundo; o seu nome, ao contrário daqueles que vivem sempre na memória apaixonada do público, só é retido por meia dúzia de carolas. E êsses mesmos, por desinterêsse dos departamentos de publicidade, raríssimas vezes associam uma imagem ao nome e apelido que, em noventa e nove por cento dos casos, nem sequer pronunciam como deve ser.

Supomos portanto que seja agradável, e é com certeza justo que, ao menos uma vez por ano, um dêsses ignorados saia da fileira sombria onde trabalha tôda uma vida como um moiro.

E acreditem: para um obscuro aprendiz de realizador dêste can-



John Ford

tinho da Europa, que cultiva qual uma flôr a sua faculdade de admirar, é-lhe gratíssimo saber que a escolha dêste ano recaiu sobre um daqueles que mais admira, e cujas qualidades mais gostaria de possuir.

John Ford é, de facto, um dos mais poderosos animadores de imagens de tôda a história da cinematografia. A sua carreira, longa e brilhantíssima, começou em 1914. Irmão dum outro grande do cinema — Francis Ford, o célebre «Conde Hugo» das fitas em séries dos tempos heróicos — prontamente enveredou pela realização, pois dirige filmes desde 1915. Os sócios do clube do «Animatógrafo», os que há mais de dez anos freqüentam o cinema, devem lembrar-se das suas espantosas realizações dos anos 20 a 25: «O Cavalo de Ferro», «O Correio a Cavalo», «Três Patifes», etc. — primeiras grandes epopeias do Oeste americano, que tivera um primeiro e admirável bardo em Thomas Harper Ince e encontrara um outro admirável cantor em James Cruze, o realizador da «Caravana para o Oeste». Mas Ford distinguia-se do primeiro, eminentemente lírico (lírico à maneira do russo Tcherviakov), pela sua pujança interior e pela largueza de horizontes, e do segundo, mais próximo da escola grandiloqüente de Cecil B. de Mille, pela solidez das suas construções cinematográficas, o rigor da sua sintaxe visual e a energia interior que comunica, desde sempre, a tôdas as suas personagens. Bastam dois exemplos recentes (porque John Ford, ao contrário de Cruze, atravessou incólume a barreira de fogo da sonoridade, como se possuísse o talismã de Sigfredo): «A Cavalgada Heróica» e «Ouvem-se tambores ao longe». Nem um nem outro filme fizeram êxito em Portugal (êxito *comercial*, entenda-se).

A Academia candidatou, entre dez filmes, dois filmes de John Ford («The Grapes of Wrath» e «Tormenta a Bordo»); o *Guild* dos realizadores escolheu «The Grapes of Wrath» para candidato, entre cinco, ao título de «o melhor do ano» para o seu *director*. «The Grapes of Wrath» triunfou dos mais. John Ford ganhara mais uma vez um título a que tem indiscutível jus.

OS «OSCARS»



São assim as famosas estatuetas distribuídas pela Academia das Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood

GINGER ROGERS

por DOMINGOS MASCARENHAS

Quando vi a lista das actrizes candidatas ao prémio da Academia de Hollywood da melhor interpretação feminina de 1940, tive o palpite de que seria Ginger Rogers a vencedora. Das cinco interpretações seleccionadas só vira uma — a única que até então chegara a Portugal. Mas atrevi-me a fazer de profecta por três razões: porque sabia o que a crítica americana escrevera sôbre essas cinco interpretações; porque Bette Davis já ganhara o prémio duas vezes e Katherine Hepburn uma; e porque, por muito notável que fôsse o desempenho de Joan Fontaine em «Rebecca», o de Ginger em «Kitty Foyle» não devia ser inferior. Avaliadas no mesmo nível, por hipótese, as duas interpretações de Joan Fontaine e Ginger Rogers — e suponho que a hipótese é favorável à intérprete de «Rebecca» —, não podia deixar de concluir pela vitória de Ginger, porque antes de «Kitty Foyle» está tôda uma série de criações admiráveis, nas quais ela dera provas de ser uma comediante extraordinàriamente completa — do que Joan Fontaine não se pode gabar ainda.

Por tudo isto não admira que o meu prognóstico saísse certo — e por tudo isto o complacente leitor deduzirá que concordo absolutamente com a votação da Academia de Hollywood. E não se engana. De facto parece-me justíssima a distinção concedida a Ginger Rogers, e creio que a Academia esteve bem inspirada ao aproveitar o seu trabalho de maior responsabilidade para coroar a sua carreira magnífica. Repare o leitor que tôdas estas palavras se aplicam também na perfeição à vitória de James Stewart; e desta minha observação pode concluir que a aplaudo também com o maior gôsto.

A carreira de Ginger Rogers é realmente uma linda carreira: começar em corista e chegar ao plano em que hoje se instalou — o das melhores actrizes do cinema —, é façanha indiscutìvelmente magnífica. Não há dúvida que o factor sorte jogou a seu favor quando foi escolhida para parceira de Fred Astaire. Mas é bom não esquecer que essa escôlha foi determinada pelos seus méritos — e deve-se considerar que raras saberiam aproveitar essa oportunidade para subir onde subiu. Outra qualquer continuaria a ser apenas a parceira de Fred; ela teve artes de ser desde logo mais do que isso — de constituir o seu complemento directo e «necessário», como já escrevi um dia —, e de se «libertar» de Fred e voar sòzinha, quando chegou o momento próprio.

Tudo isso foi possível — tudo isso e tudo o que Ginger conse-



Ginger Rogers

guiu depois — por ser uma verdadeira «profissional», isto é, à custa de trabalho sério e consciencioso, por possuir talento e inteligência, e principalmente por ter sido prendada com êsse inestimável dom dos deuses que se chama personalidade. Mesmo quando era ainda o par de Fred Astaire, Ginger distinguia-se tanto pela sua personalidade própria como pela sua graça e pelo seu *sex-appeal*, ou por dançar e cantar divinamente. Depois, à medida que ia trabalhando sòzinha, essa personalidade foi-se afirmando e definindo, impondo-se sempre em tôdas as suas criações. As personagens que lhe foi dado interpretar foram sempre escolhidas, aliás, de acôrdo com essa personalidade; Ginger Rogers pôde, por isso, ser sempre inconfundível.

E com que talento ela tem vivido as várias e variadas aventuras da rapariga simples e petulante, maliciosa mas cheia de bom-senso, de que ela é o padrão mais encantador e mais natural!

O seu talento de actriz tem de facto exercido na sua carreira pelo menos tanta influência como a sua personalidade. Muita gente não o terá ainda notado — pois muita gente julga ainda que ter talento é fazer caretas, esbugalhar os olhos, declamar com tremuras vocais complicadas, fazer boquinhas, e outras «habilidades» quejandas em que são peritas certas cabotinas que eu bem sei. Essa gente espantar-se-á, de certo, com o prémio ganho por Ginger. Não o pode evidentemente compreender porque não pode compreender também que é mais fácil e menos meritório representar com as macaquices a que acima aludi, do que representar com a naturalidade fluente e espontânea, com a subtileza e com a sensibilidade comedida com que Ginger o faz.

Qualquer das suas interpretações ilustra por si só, suficientemente, esta afirmação. A quem tenha olhos de ver (e não «olhos

(Conclui na página 17)

JAMES STEWART

por ANTÓNIO CARVALHO NUNES

«Animatógrafo» já deu a notícia: a Academia das Artes e Ciências Cinematográficas, de Hollywood, no seu concurso anual, concedeu a James Stewart o galardão de «melhor actor do ano», pela sua interpretação em *The Philadelphia Story*.

A competição era de temer — Charles Chaplin, Harry Fonda, Laurence Olivier e Raymond Massey — mas, mesmo sem conhecer o novo trabalho, não nos causa admiração que tenha sido concedido ao galã de *A Vida Começa Amanhã* («Made for each other») e de *A Loja da Esquina* («The shop around the corner») o ambicionado prémio.

Qual a razão de tal sucesso?

Se nos recordarmos da já longa carreira dum actor que conta hoje apenas 31 anos, desde *Os Rapazes da Marinha* até ao *Não o levarás contigo*, passando pela *Hora Suprema* e *O Turbilhão do Gêlo*, encontraremos nas diferentes interpretações um traço comum — a personalidade de James Stewart.

E estamos em dizer que é mais difícil criar um actor personalidade do que um escritor alcançar estilo próprio.

Analisemos, embora superficialmente, o tipo de galã que na Universidade do Amor, de Hollywood, foi levantado por Stewart contra todos os tratados dos mestres na matéria, segundo os quais as mulheres amam os fortes, a fortuna ajuda os audaciosos, etc., etc. Não, o homem não tem semelhança com os grandes amorosos que ficaram para a história.

No entanto, chegado o fim do filme ,a rapariga que o encontrou acaba por lhe caír nos braços — com aprazimento do público, que achou bem, que não ficou nada escandalizado, antes pelo contrário, e lhe deseja ainda «muitos meninos»!...

Quem devia agora ter a palavra era a Olivia de Havilland, de quem êle está oficialmente noivo. Mas na impossibilidade de ouvir o seu depoimento, iremos buscar à memória a interpretação de Stewart no já mencionado filme *A Vida Começa Amanhã*, em que o nosso herói mostra perfeitamente a sua maneira de *ser*.

Cremos não praticar um êrro psicológico afirmando que há mulheres que não concebem o amor sem uma certa solicitude que parece provir do seu instinto maternal—como existem homens que sem quebra de dignidade, aspiram a essa mesma dedicação, porventura ainda não experimentada.

Pois bem. Podemos talvez afoitamente dizer que o galã em causa é dêsses. «Ver e amar» com êle afigura-se-nos difícil, senão impossível. Nada bonito, e ainda um pouco tímido, quási tacanho.

Mas insinua-se; parece que persiste sem teimar. Levado pelo coração, porta-se como colegial.



James Stewart

Não toma atitudes: tem gestos delicados, tocantes. Numa palavra, não conquista — ocupa.

...E o filme acaba.

Não nos custa a acreditar que foi assim que êle ganhou o prémio.

Sem alarde, indiferente à propaganda, no tôpo da mesa... Só com a persistência do «cabeçudo» personagem do *Não o levarás contigo* e a lisura dos *Rapazes da Marinha*.

E venceu!

«REBECCA»

por FERNANDO FRAGOSO

A Academia de Artes e Ciências Cinematográficas proclamou «*Rebecca* «o melhor filme do ano». A sua decisão é justa — e lógica.

Um filme é o resultado dum esfôrço artístico colectivo. A Academia distingiu, no caso de *Rebecca*, quási todos os elementos que participaram nesse esfôrço. Com efeito, Alfred Hitchcok, foi candidato ao prémio de melhor realizador. Laurence Olivier e Joan Fontaine tiveram as honras de disputar o trofeu dos melhores intérpretes. Robert Sherwood e Joan Harrison viram o seu manuscrito oficialmente habilitado ao título da melhor adaptação cinematográfica, graças à habilidade e à inteligência com que transportaram para a tela o romance de Daphne du Maurier, um dos «best-sellers» da literatura contemporânea. As decorações de *Rebecca*, da autoria de Lyle Wheeler, disputaram, também, a primazia, tal qual como a fotografia de Georges Barnes, nas respectivas categorias. E Judith Anderson, a terceira personagem da película, na ordem da sua importância dentro da história, era candidata ao prémio da melhor interpretação secundária.

Nenhum outro filme reüniu tão impressionante série de distinções. Nenhuma obra foi candidatada em tantos rayons» da produção. E por essa razão afirmámos anteriormente que a decisão da Academia foi justa, e, sobretudo, profundamente lógica.

No entanto, o homem que tor-



Selznick

nou possível o milagre de elevar a tão alto expoente de perfeição o trabalho de todos os elementos que intervieram na feitura de *Rebecca* não aparece citado. «A mais importante assinatura dum filme — dizia Jesse Lasky — nem por isso deixa de ser aquela que o público menos nota: a do homem que reüne e funde os diversos elementos num só — o produtor!» E o produtor, no caso de *Rebecca*, foi David O'Selznick, que a Academia distingue e premeia, implìcitamente, em dois anos. O ano passado *Gone with the wind*. Êste ano, *Rebecca*.

Hunt Stromberg, que assinou alguns dos melhores filmes da Metro, no cargo da produção, declarou, um dia: «A actividade

(Conclui na página 17)

DOUGLAS SHEARER e CEDRIC GIBBONS

por RAÚL FARIA DA FONSECA



Cebric Gibbons



Douglas Shearer

É, sem dúvida, um dos grandes peritos de som dos estúdios americanos. Foi o inventor do *push-pull* (sistema especial de registo e reprodução de som) que pela primeira vez, se experimentou, em *O Grande Ziegfeld*, com tão brilhantes resultados que é hoje o processo adoptado em tôdas as grandes salas de espectáculo. No entanto, a fama de que actualmente disfruta vem-lhe da maneira como superintende estúdio de registo de som de Metro Goldwyn Mayer, onde trabalha desde o advento do sonoro.

Já não é a primeira vez que a Academia Americana lhe atribue o prémio da melhor gravação. Quási todos os anos é êle o vencedor.

Um dos seus colaboradores mais pertinentes é o engenheiro O. O. Ceccarini, considerado um dos cinco maiores matemáticos da América, segundo a recente declaração de Einstein. De resto,

(Conclui na página 17)

DEPOIS DE

«SINFONIA DOS TRÓPICOS»



A FOX-FILMES, L.DA
apresenta o seu NOVO
GRANDE FILME MUSICAL

DA 20th CENTURY FOX

E O MAIS RECENTE ÊXITO DO MUNDO

"A VIDA É UMA CANÇÃO!"



(TIN PAN ALLEY)

com um famoso grupo de ESTRELAS

Alice Faye
Betty Grable
Jack Oakie
John Payne
Esther Ralston

e os célebres negros
da "Sinfonia dos Trópicos"
num bailado sensacional

Realização de WALTER LANG

Algumas canções célebres: "ADEUS BROADWAY, ALLÔ FRANÇA!", "KATY" e "AMO-TE, AMÉRICA!"

A FEIRA DAS FITAS

QUADRO DE HONRA

Nos filmes exibidos em Lisboa na última semana, filmes que se enumeram por ordem alfabética, os críticos de «ANIMATÓGRAFO» chamam a atenção do público para o que nêles merece atenção especial

«A LOJA DA ESQUINA» (M. G. M.)
- **A realização de ERNST LUBITSCH, que tem aqui a sua melhor obra.**
- **A adaptação cinematográfica de SAMSON RAPHAELSON duma peça de NICOLAUS LASZLO.**
- **O conjunto da interpretação, destacando FRANK MORGAN (Hugo Matuschek), JAMES STEWART (Kralik), MARGARET SULLAVAN (Klara Novak) e FELIX BRESSART (Pirovitch).**

«OS FILHOS DE DEUS» (Fox Filmes)
- **A interpretação de DEAN JAGGER (Brigham Young).**
- **Os «efeitos especiais» de FELIX SERSEN.**
- **Os melhores momentos da realização de HENRY HATHAWAY: a morte de Joseph Smith, a travessia da caravana sôbre o rio gelado; a seqüência do julgamento.**

«OS MÉDICOS TAMBÉM CASAM» (Aliança-Filmes)
- **A direcção inteligente de ALEXANDER HALL, que obtem efeitos graciosos dos mais ligeiros pormenores.**
- **A versatilidade de LORETTA YOUNG, que se revela definitivamente uma grande actriz de comédia.**
- **A presença de RAY MILLAND, que tem neste filme o seu melhor trabalho.**

«O SONHO DE BUTTERFLY» (Filmes Castelo Lopes)
- **A voz e a «escola» da soprano MARIA CEBOTARI.**
- **O entrelaçamento na acção da ópera «Madame Butterfly», de Puccini.**

«A LOJA DA ESQUINA»

(The shop around the corner)

Se Ernst Lubitsch fôsse o único europeu que trabalhasse em Hollywood, a Europa não precisaria de mais ninguém para marcar o seu lugar no Cinema de Além-Atlântico. E certamente não poderia encontrar jámais melhor representante, por nenhum ser mais nìtidamente *europeu*. Êsse europeísmo manifesta-se em tôdas as produções que empreendeu ou dirigiu na Califórnia, desde que para lá foi, há dezoito anos. Começou (desastrosamente, aliás) por uma espanholada: «Rosita, cantora das ruas», com Mary Pickford, em que procurou inùtilmente aclimatar ao país das laranjas o seu gôsto germânico pelos grandes espectáculos, manifestado (soberbamente, diga-se) em «Sumurum», em «Danton», em «Madame Dubarry». Mas prontamente compreendeu que a sua *corda* era outra. Lembrou-se do triunfo alcançado com «A Princesa das Ostras». Avivou a sua *vis comica*, a sua veia humorística de hiper-civilizado, de observador subtilíssimo de costumes. E deu à América, ao espectáculo cinematográfico americano, aquilo que só um europeu lhe poderia dar: a crítica amável duma civilização decadente. Note-se que, ao contrário de Fritz Lang, Lubitsch teve o tacto de não bolir com os aspectos americanos dessa decadência. Desde «O leque de Lady Windermere» até «A Loja da Esquina», passando pelo «Paraíso Proìbido», pelo «Príncipe Estudante», por «Uma Hora Contigo», por «Uma Mulher para Dois», pela «Viuva Alegre», por «Ninotchka» — por tôdas as suas fitas, enfim, sem escapar nenhuma — os argumentos escolhidos por Lubitsch decorrem na Europa, e debatem *para americano ver* problemas europeus. Reparem: nos seus filmes satiriza-se, com a *verve* cruel e simbólica dum Eça de Queiroz, a nobreza, a alta sociedade ou a burguesia de Londres, de Paris, de Heidelberg, de Monte-Carlo, de Budapest, ou duma monarquia balcânica indefinida. Nunca cometeu a *gaffe* de se atirar aos linchamentos do Midle-West ou aos ridículos da *gentry* de Filadélfia. E também nunca se meteu com o povo, o que seria antipático à democracia ingénua dos cidadãos norte-americanos. Prefere zurzir, do alto do seu charuto, as fraquezas empoadas desta velha cocote geográfica, que agora se desfaz em cisco. E tem a certeza de encontrar assim, na América, a curiosidade deslumbrada que os latagões de Roma Augusta tinham pelos filósofos gregos do ocaso helénico; na Europa, a condescendência risonha dum par de raças que se divertem principalmente com o espectáculo das suas próprias mazelas, desde que lho sirvam embrulhado em espírito, como um rebucado.

Diga-se desde já que nós próprios, irremediàvelmente, incorrigìvelmente europeus, *marchamos*, como diriam os franceses, no jôgo fulgurante dos seus espectáculos, e temos por Lubitsch a admiração e a consideração que nos merecem os grandes artistas e os grandes símbolos. Diante dum filme como «A Loja da Esquina», por exemplo, abandonamo-nos à euforia mais completa, e não nos passa pela cabeça, nem mesmo quando surge o momento disciplinar da crítica, reagir contra êles. Reagimos, sim, contra a civilização que representam. E por isso temo-los por muito úteis, *contanto que saibam ver-se*, tal como consideramos úteis os livros de Eça — contanto que saibam ler-se...

Outro fenómeno evolutivo da carreira de Lubitsch, é o seu anseio de simplicidade. Em «Madame Dubarry» ou mesmo na «Parada do Amor» os cenários contavam-se às dezenas, às centenas. Na «Loja da Esquina» — há quatro, por junto: a loja pròpriamente dita, com as suas dependências compreendidas dentro do mesmo «complexo»; o café onde os dois namorados por correspondência marcam o encontro, com exterior e interior comunicantes; o quarto de hospital onde o sr. Matuschek restabelece o equilíbrio nervoso, abalado pela traição da espôsa com o peralvilho do caixeiro, e que comunica com um singelo corredor; e o quarto de Klara, onde a caixeirinha romântica se refaz dos seus abalos «psicológicos» — como ela diz...

Já ouvi dizer que «A Loja da Esquina» era, acima de tudo, *muito bom teatro*... Êrro crasso: CINEMA — e do melhor. É preciso perder de vez a mania de que o Cinema se distingue do Teatro pela variedade dos ambientes e pelas correrias desenfreadas (das personagens ou do aparelho, tanto faz). O Cinema está — ou não está — na *forma de contar*, na maneira como a planificação *dispõe* o tema (original ou adaptado, tirado dum livro ou duma peça, tanto monta) e no modo como o realizador *ataca* cada plano. O resto, pior ou melhor, é com os intérpretes, com os actores, que têm ou não estilo cinematográfico, que nos convencem ou não, mas cuja acção não basta, por boa ou má, para transformar Cinema em Teatro, como o desempenho mais frenético ou o mais natural não conseguem metamorfosear num filme qualquer peça.

Ora tudo isso — argumento, planificação, encenação, filmagem, interpretação — é soberbo e eminentemente cinematográfico na «Loja de Esquina». Tudo isso nos dá, a par da comédia dos namorados por correspondência que são colegas na mesma loja, o drama pungente do «honrado comerciante» para quem os arredores do balcão são mais o *seu lar* que a sua própria e luxuosa residência, donde a mulher lhe suga levianamente os «pengos» que entram na caixa.

Os intérpretes — deslumbram! Frank Morgan tem no sr. Matuschek o seu melhor papel. James Stewart, prémio da Academia, e Margaret Sullavan, com a sua voz admirável, dão ao parzinho de caixeiros a elevação humaníssima, de que são capazes, sem sair nunca da requerida vulgaridade, que só um adjectivo pode bem definir: *caixeiral*... A linguagem que empregam (mérito do diálogo) e a forma de dizer (mérito dêles) — são impecáveis, dentro da respectiva... *caixeiralidade*. Todos os outros (com um grande bravo a Felix Bressart pelo seu magnífico Pirovitch) mais que certos.

Enfim, acreditem nisto que digo: «A Loja da Esquina» é o melhor filme de Ernst Lubitsch.

Felicitamos a M. G. M. e o S. Luiz por nos apresentarem tão prontamente semelhante obra-prima. E salientamos o facto da emprêsa A. Ramos, Ld.ª o exibir SEM INTERVALO! Bem sabemos que isso nem sempre será possível. Mas assim é que se começa. — A. L. R.

«BALALAÏKA»

(Balalaïka)

«Balalaïka» é um filme essencialmente musical. Não se foge propositadamente do «cantado» com uma preocupação de tornar mais reais as situações. Antes pelo contrário, a música, as canções são o grande atractivo dêste filme e fazem dêle um espectáculo agradável, com cenas de incontestável interêsse, numa atmosfera de «féerie», de deslumbramento.

O assunto vem da célebre opereta do mesmo título, original de Eric Maschwitz, com música de George Posford e Bernard Grün.

Diremos desde já que Reinhold Schunzel modificou-o quanto pôde — para melhor, é claro — adaptando-o às exigências do cinema e valorizando-o com todos os recursos de um grande filme musical. Não lhe faltam, portanto, alegria e movimento, canções e danças, além de um romance suave que se desenvolve em certa vila do império russo, por alturas de 1914.

Da realização, das melhores de Schunzel, há que destacar as cenas dos cabarés, os episódios que precedem a revolução e a seqüência final comemorativa da noite de Natal, em Paris, entre os exilados.

A grande revelação dêste admirável filme, que dentro do seu género poucas vezes terá sido excedido em espectaculosidade, é Ilona Massey. A seu lado, ouve-se com prazer Nelson Eddy. — A. F.

«OS FILHOS DE DEUS»

(Brigham Young)

Tal como «Maldição da Índia», êste filme foi extraído de um romance do grande escritor norte-americano Louis Broomfield; mas «*Brigham Young*» tem menos matéria dramática do que «*The Rains Came*» — o qual, além disso, está localizado num ambiente mais exótico e mais sugestivo, e contrapõe ao «milagre

(Conclui na pág. 16)

NOTICIAS DE HOLLYWOOD

GREGORY LA CAVA entrou para a «Universal» e vai dirigir Irene Dunne

A Universal, depois de um período de incerteza e de insuficiência, mostra-se hoje, graças à feliz associação Joe Pasternack-Henry Kosker e à orientação que ambos imprimiram à produção de qualidade daquela casa, gozando uma situação deveras invejável as panorama americano do Cinema. Prova isso bem o relatório agora apresentado pelo seu conselho de administração. Segundo êle, fica-se sabendo que os lucros líquidos da última época sobem ao dôbro dos da que a precedeu, elevando-se a cêrca de dois milhões e meio de dólares

A Universal, que Filmes Alcântara representam no nosso país, com a preocupação de chamar a colaborar na sua produção grandes nomes do Cinema — entre os elementos que desde há pouco nela trabalham contam-se os nomes prestigiosos de Frank Lloyd e René Clair — conseguiu assegurar a colaboração de um dos mais notáveis homens do Cinema americano de hoje. É nada menos que Gregory La Cava, que está já a trabalhar no filme *«Unfinished Business»*, de que é não só realizador, como produtor também.

Os intérpretes principais de «Negócio não concluído» são Irene Dunne — que acaba de interpretar para a Columbia, com Cary Grant por «leading-man», e George Stevens por director, o filme «Penny Serenade» — e Robert Montgomery, cedido pela Metro Goldwyn, Preston Foster e Eugène Pallette.

Como o leitor verifica, «Negócio não concluído» vai ser «negócio garantido» para os cinemas. La Cava, Irenne Dunne e Cary Grant são elementos de sobra para darem bom rendimento à bilheteira.

DOROTHY LAMOUR vedeta de 3 novos filmes «Paramount»

Dorothy Lamour, com a sua aliciante beleza e os seus «sarongs» já lendários, continua ocupando vitoriosamente o seu lugar entre as vedetas mais importantes da Paramount, mantendo também com galhardia a sua extraordinária popularidade não só nos Estados Unidos, como no resto do Mundo. A «ameaça» Patricia Morison, em quem muitos chegaram a ver uma concorrente perigosa, parece não ter feito grande mossa ao seu prestígio.

E tanto assim é que, terminado há pouco o seu último filme, a Paramount não só iniciou a realização de *Caught in the Draft*, dirigido por David Butler e em que Bob Hope, Lynne Overman e Paul Hurst são os seus «parceiros», como escolheu já os dois filmes que a formosa Miss Lamour interpretará a seguir. Trata-se de «Dildo Cay», extraído duma novela de Nelson Heyes, de que E. H. Girfith será produtor e realizador, e bem assim a nova versão de «Aloma of South Seas» — que Gilda Gray, a célebre criadora do «Shimmy», fêz no tempo do mudo — em que de novo, tal como em «Furacão», a fascinadora Lamour terá John Hall por «partenaire», e em que, uma vez mais, também passeará a sua nudez pelas maravilhosas e edénicas paisagens dos mares do sul.

Alegrem-se, pois, os apaixonados de Dorothy!... Vamos vê-la de novo na sua beleza aliciante e com os seus «sazongs» já lendários, em cenários paradisíacos, num filme interessante extraído duma novela muito popular na América.

Claudette Colbert contracena, pela segunda vez, com Ray Milland

Um dos grandes êxitos recentes do Cinema na América é, fora de dúvida, o filme da Paramount «Arise My Love», cuja acção decorre em Espanha, durante a guerra civil.

Àparte a magnífica direcção de Mitchell Leiseir, um dos mais valiosos elementos é a interpretação do par Claudette Colbert-Ray Milland, êste um aviador americano e ela uma jornalista, sua compatriota, que a todo o transe procura evitar que êle seja fuzilado, fazendo crer que é sua mulher.

Pois a Paramount, em face dum tal êxito, resolveu juntar de novo aqueles dois artistas num outro filme que tem por título *Skylart*, de que Mark Saudrich é o realizador.

Aparecem ainda Brian Aberne, Binnié Barnes, Walter Abel, Mona Barrie e Ernest Cossart.

James Stewart e Paulette Goddard juntos num filme

James Stewart, que acaba de alcançar um dos mais apetecidos troféus a que um actor pode aspirar — o «Oscar», da Academia Americana, pela sua interpretação em «Philadelphia Story» — está a intepretar para a «Globe Productions», emprêsa em que pontifica James Roosevelt e cujos filmes a United Artists distribui, a película *Pot O'Gold*.

Neste filme, que George Marshall, o triunfador de «Cidade Turbulenta», dirige, aparecem ao lado do intérprete de «Casamento em Segrêdo» a lindíssima Paulette Goddard, o espirituoso Charles Winninger e a orquestra de Horace Heidt.

«Come Live with Me», com Heddy Lamarr e dirigido por Clarence Brown, é o seu último filme, há pouco apresentado nos Estados Unidos.

Betty Grable e Don Ameche protagonistas de «MIAMI»

A Fox, em face do êxito estrondoso que em tôda a parte conquistou «Sinfonia dos Trópicos» entrou francamente na produção de filmes musicais, feitos nos moldes de «Down Argentina Way». Depois de «Tasi Pan Alley» que Alice Faye e Betty Grable interpretam, depois de «Road to Rio», em que D. Ameche contracena com Alice Faye e a incomparável Carmen Miranda, vai agora a emprêsa de Darryl Zanuck iniciar a realização dum novo filme em que o par inesquecível de «Sinfonias Modernas» — a formosíssima Betty Grable e o simpático Don Ameche — volta a aparecer. O filme, em Technicolor, intitula-se «Miami» e, como o nome deixa perceber, decorre na famosa estância de prazer e de sonho que é a capital da Flórida. Walter Lang é o realiazdor, e no seu «cast» aparecem ainda os nomes de Carole Landis, Robert Cummings e Charlotte Greenwood, a notável comediante que vimos também em «Sinfonia dos Trópicos».

Os filmes musicais continuam a conquistar o público e as emprêsas. «Miami» anuncia-se como um digno sucessor dêsse portentoso «Down Argentina Way» que tanto êxito teve entre nós.

FITAS NA FORJA

- *TALL, DARK AND LANDSOME, com Cesar Romen, Virginia Gilmore, Milton Berle, Charlotte Greenwood, Sheldon Leonard, Stanley Clements, Frank Jenbs e Barnett Parker Realização de H. Bruce Humberstone. Fox.*
- *ADAM LAD FOUR SONS, com Ingrid Bergman, Warner Baxter, Susan Wayward, Fay Wray, Helen Westley, Richard Denning, Johny Downs e Robert Shaws. Dirigida por Gregory Ratoff. Columbia (Aliança Filmes).*
- *THE MYSTERIOUS DR. R., com Lionel Atwill, Frank Albertson, Anne Nagel e Lon Chaney J.or. Realizada por tuGeorge Wagner. Universal (Filmes Alcântara).*
- *DOOMED CARAVAN, com William Boyd, Russell Hayden, Andy Clyde, Minna Gombell, Morris Ankrum, Georgia Hawkins, Trevor Bardette e José Luiz Tortosa. Direcção de Lesley Selander. Paramount.*
- *THEY DARE NOT LOVE, com Martha Scott, George Brent, Paul Lukas, Richard Lyon, Egon Brecher e Bodil Rosing. Realizada por James Whale. Fotografia de Franz Planer. Columbia. (Aliança Filmes).*
- *A WOMAN'S FACE, com Joan Crawford, Melwyn Douglas, Conrad Veidt, Marjorie Main, Donald Meek, Edward Asbley, Osa Massen, Albert Basserman, Richard Nichols e Reginald Owen. Dirigida por George Cukor. Fotografia de Robert Planck. Metro Goldwyn Mayer.*
- *POWER DIVE, com Richard Arlen, Jean Parker, Billy Lee, Roger Pryor, Helen Mack, Cliff Edwards, Don Castle, Ralph Byrd. Direcção de James Hogan. Paramount.*
- *SUNNY, com Anna Neagle, Ray Bolger, John Carroll, Edward Everett Horton, Paul e Grace Hartmann, Helen Westley, Benny Rubin e Frieda Inescort. Dirigida por Herbert Wilcox. Fotografia de Russell Metty. RKO-Rádio-Filmes.*
- *THE FLAME OF NEW ORLEANS, com Marlene Dietrich, Roland Young, Bruce Calcot, Mischa Auer, Andy Devine, Theresa Harris, Laura Hofe Crews, Raymond Walburn, Franklin Pangborn, Frank Jenks, Eddie Quillan e Ann Revere. Realizada por Rene Clair. Fotografia de Rudolph Mate. Universal. (Filmes Alcântara).*

OS FAVORITOS DE 1940

GINGER ROGERS

(Conclusão das págs. 10-11)

de encher») bastará seguir com atenção o seu trabalho na «Porta das Estrêlas» ou no «Casamento em Segrêdo», na «Rapariga da 5.ª Avenida» ou na «Mãezinha à Fôrça», nas «Sombras da Rua» ou na «Sorte Grande», para concordar imediatamente comigo, pois a visão atenta de um só dêsses filmes chega e sobeja para impor a conclusão de que Ginger Rogers é uma actriz do melhor e do mais raro quilate.

Lembram-se, por exemplo, como ela exteriorizava na «Mãezinha à Fôrça» a ternura, que pouco a pouco a invadia, pelo pequerrucho caído por acaso nos seus braços? — ou como a divertia, no *dancing*, fingir que era sueca e só compreendia e falava sueco? Recordam-se, na «Rapariga da 5.ª Avenida», da forma como ela recebia o convite do milionário, no *Central Park*, e lhe ouvia depois as confidências sôbre o seu caso familiar, no automóvel? Lembram-se como ela mostrava ficar sensibilizada, em «Sombras da Rua» ao descobrir que o marido baptizara o barco com o seu nome? Qualquer dêsses momentos, por si só, bastaria para a impor como actriz. Mas a regularidade com que, durante anos, acumulou criações notáveis — pedia uma consagração o mais pública e «oficial» possível. O aparecimento da «Rapariga da Gola Branca», em que Ginger teve no papel de Kitty Foyle, o seu maior papel, forneceu à Academia das Artes e Ciências Cinematográficas, a oportunidade para essa consagração que se impunha. Importa felicitá-la — e congratular-nos — por ter sabido não a deixar escapar.

DOUGLAS SHEARER

(Conclusão das págs. 10-11)

todo o pessoal que com êle trabalha é especializado em física, matemática e acústica, o que lhe permite obter não só extraordinário rendimento de labor, mas ainda e sobretudo, a maior perfeição.

Douglas Shearer foi contratado para a Metro pelo malogrado marido de Norma Shearer, Irving Thalberg, por ser irmão da grande estrêla. Disse-se, então, que Douglas ia disfrutar uma tão elevada posição graças a êsse parentesco e houve até quem lamentasse a Metro pela escolha feita. Agora, porém, está provado que ninguém, no mundo inteiro, o pode suplantar dentro da sua especialidade.

CEDRIC GIBBONS

O que se disse acêrca de Douglas Shearer nos domínios do registo de som, pode-se repetir para Cedric Gibbons, o chefe do departamento de construções e decoração (Art Department) da Metro Goldwyn Mayer. É engenheiro e arquitecto da mais comprovada competência e do mais requintado gôsto artístico.

O seu primeiro trabalho de fôlego foi o da fita *When Cadies Meet*, que o popularizou imediatamente e o recomendou para os prémios da Academia.

Entre as mais recentes criações de Gibbons, quási tôdas elas premiadas, figuram *Romeu e Julieta*, *David Copperfield*, *Maria Antonieta*, *A Grande Valsa* e *O Feiticeiro de Oz*.

Foi decorador nos grandes palcos de Nova York durante longos anos.

Foi Gibbons o introdutor em Hollywood do uso de *maquettes* goniométricas, que reproduzem as construções a fazer para cada fita, tendo marcadas tôdas as posições e movimentos das câmaras de filmar, conforme as objectivas utilizadas — tudo isso feito à vista da planificação.

«REBECCA»

(Conclusão das págs. 10-11)

dum produtor deve resumir-se nesta frase simples: fazer bons filmes». A vida de David Oliver Selznick não podia, na realidade, encontrar tradução mais eloqüente e mais sintética. Porque êste homem espantoso, coração e cérebro da máquina imensa e transcendente que é um estúdio, outra coisa não tem feito que não seja dar ao Cinema alguns dos espectáculos que mais o tem prestigiado e dignificado!

Sobretudo, de 1933 para cá — antes perdera-se em *Kings-Kong* e *Aves do Paraíso* — isto é: logo que lhe deram meios para trabalhar e fazer bons filmes, David O'Selznick surpreendeu-nos com obras como *Jantar às 8* (Dinner at Eight), *Vôo Nocturno* (Night Flight), *A Vertigem da Dança* (Dancing Lady), *Viva Vila*, *O Inimigo Público n.º 1* (Manhattan Melodrama), *David Copperfield*, *Anna Karerine*, *Duas Cidades* (Tale of twe Cities), *O Pequeno Lord* (Little Lord Fauntleroy), *O Jardim de Allah* (Garden of Allah), *Nasceu uma Estrêla* (A Star is born), *O Prisioneiro do Castelo de Zenda* (Prisonner of Zenda), *Nada é sagrado* (Nothing is sacred), *A Vida Começa Amanhã* (Made for each other), *As Aventuras de Tom Sawyer* (Adventures of Tom Sawyer), *Viver não Custa* (A Young in the Heart), *Intermezzo* e, finalmente, *Gone with the wind* e *Rebecca*, dois filmes que coroam uma teoria maravilhosa de obras-primas.

«O produtor é o homem que domina os elementos tangíveis e intangíveis de que um filme depende, quer se trate de governar pessoas ou coisas, de avaliar um temperamento artístico, de dirigir as fôrças criadoras ou de conhecer o gôsto do público». É ainda Jesse Lasky quem fala!

Ninguém como David O'Selznick pode merecer, em tão larga escala e com tão inteira propriedade, o nome de Produtor. Os seus filmes, por mais dissemelhantes que sejam os estilos dos respectivos realizadores, (íamos escrever «executores»), acusam sempre a garra, o tom, a personalidade, o estilo do homem que os produz — o que prova que Selznick domina, de facto, todos os elementos tangíveis e intangíveis que concorrem para a sua factura. Ressuscitando Janet Gaynor, em *Nasceu uma Estrêla*; «descobrindo» Ingrid Bergmann, em *Intermezzo* e Vivien Leigh ,em *Gone with the wind*; tornando a, até então, insignificante Joan Fontaine, numa verdadeira vedeta, em *Rebecca* — Selznick demonstra, à evidência, que possue, em alto grau, o «faro» que lhe permite avaliar, a distância, os temperamentos artísticos ignorados ou adormecidos, e aplicá-los nas personagens que mais lhes convém.

Impondo os seus filmes sob o duplo aspecto artístico e espectacular, tornando-os tão queridos dos estetas como dos exibidores— Selznick diz-nos ainda que sabe dirigir as fôrças criadoras, que os tornam possíveis, e que conhece à maravilha o gôsto do público.

A Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, ao atribuir o prémio do melhor filme a *Rebecca*, consagrou, pela segunda vez, em dois anos sucessivos, o labor de David O'Selznick, o «produtor perfeito» — e presta uma verdadeira homenagem ao Cinema, Arte e Espectáculo, na pessoa que, nos últimos anos, melhor o tem servido e dignificado!

FERNANDO FRAGOSO

INTERVALO MUNDANO



— *A sr.ª marquesa já não recebe em sua casa?*

— *Não, agora reünimo-nos todos nos intervalos dos cinemas.*

A FEIRA DAS FITAS

(Continuação da pág. 13)

das gaivotas» acontecimentos mais sensacionais: um terremoto e uma epidemia igualmente catastrófica.

Para mais, «*The Rains Came*» dispõe de figuras mais interessantes e mais cinematográficas do que Brigham Young, o chefe dos mormons, ou qualquer das personagens que vemos à sua volta.

A adaptação do romance ao cinema, devida aliás a uma das competências hollywoodescas na matéria — Lamar Trotti —, não procurou suprir de qualquer forma o que atrás se deixou apontado. O filme oferece por isso, aqui e além, quebras de interêsse espectacular, tanto mais que a novela não tem nunca intenções especulativas sôbre a doutrina, mentalidade, e ética dos mormons — ao contrário do belo romance de Pierre Benoit, *Le Lac Salé*», por exemplo —, mas apenas o geito de «crónica» das suas vicissitudes e triunfos, até à fundação de Salt Lake City. A planificação tem, porém, indiscutíveis méritos — e entre êles é de notar a forma hábil, por discreta, com que foi tratada a poligamia dos mormons.

A realização do filme, dirigida por Henry Hathaway, tem coisas muito belas e trechos cheios de vigor. São de notar muitos exteriores — o filme tem uma enorme percentagem de «ar livre» —, em que certas paisagens grandiosas aparecem valorizadas pela fotografia de Arthur Miller, e os «efeitos especiais» de Felix Sersen nas cenas culminantes: a travessia do rio e a intervenção miraculosa das gaivotas. Mas talvez prefira a êsses dois momentos outros episódios do filme, realizados com mão de mestre: a morte de Joseph Smith, a passagem da caravana sôbre o rio gelado, a seqüência do julgamento.

O filme é interpretado por numerosa falange de actores de primeira ordem: Dean Jagger, Tyrone Power, Linda Darnell, Brian Donlevy, Jane Darwell, John Carradine, Vincent Price, Mary Astor. Todos cumprem perfeitamente, mas tem ocasião para se distinguir a nossa muito conhecida Mary Astor, num papel diferente dos que habitualmente desempenha. Dean Jagger, no protagonista, é no entanto o único actor que pôde impor-se decisivamente, graças às possibilidades da figura que encarna, à sua bela voz e à autoridade com que representa.

Alfred Newman escreveu para êste filme mais um excelente acompanhamento musical, perfeitamente adequado ao assunto. — D. M.

O Correio de Bel-Tenebroso

ondência desta secção deverá ser dirigida
3ROSO — Redacção de «Animatógrafo»
ıa do Alecrim, 65 — LISBOA

436 — CORAÇÃO SEM R
(Lisboa).—De todos os pseı
mos, escolhi êste! E sabe por
Para ver se aparece al
que vá ao leme... — Pode
ver-me sempre que quiser.
o maior prazer lhe respon
E conservarei o anonimato
todo o tempo quanto quiser!

437 — OUBLI *(Penafie*
Escreve à Laraine Day, par
tro Goldwyn Mayer Studios
ver City, Califórnia. — Pu
remos «Canções de filmes»,
pre que haja ensejo para t
propósito, aqui vai um apê
ra os leitores que possuam a
pectivas letras! Enviem-nas
pre que possam, a Bel-Tene
para eu, por minha vez,
tar serviço aos que as não têm. Combinado? — Transmito as tuas saüdações a *Uma loira madeirense.*

438 — BONECA VOLÚVEL *(Funchal).* — Respondo duma só vez, a duas cartas tuas. — Nunca estive na Madeira. Mas não hei-de morrer, espero, sem visitar o Funchal, quanto mais não seja para te saudar a ti e a tôdas as simpáticas madeirenses, nacionais e estrangeiras, que me escrevem. — A Judy Garland tem 16 anos. — A Madalena Sotto esteve a representar nos palcos de Lisboa, na companhia de que fazem parte o Eurico Braga e o Ribeirinho. — *Animatógrafo,* dia a dia, afirma a sua categoria de grande revista que é. Acho bem, pois, que o *Diário da Madeira* se tenha referido em tão justos termos. — Tenho cá mais cartas tuas, para responder. A seu tempo, *Boneca Volúvel,* receberá as respostas.

439 — UMA LOIRA MADEIRENSE *(Funchal).* — De facto, as malas do correio do Funchal sofrem demoras várias, alheias à vontade de todos nós. Procurarei compensar êsses atrasos, provenientes do estado de guerra. — Não duvido que a tua amiga *Boneca Volúvel,* seja um amor de rapariga. De resto, Bel Tenebroso só tem correspondentes bonitas! — Achei muita graça a certa passagem da tua carta. Não fiquei nada zangado pelo que me
contrário...
nhas ficado
— Transmito
sène Lupin as
ações. Agra-
ectuosamente,
áticas saüda-

PAIXONADO
ERS *(Lisboa).*
em de direito
m respeito às
senhas de voto. — Deanna Durbin nasceu em Winnipeg, Canadá, a 4 de Dezembro de 1922. — Freddie Bartholomew viu pela primeira vez, a luz do dia, em Londres, a 28 de Março de 1924. — Alguns filmes de Ginger Rogers: *Voando Para o Rio de Janeiro* (Flyng Down to Rio), *A Alegre Divorciada* (The Gay Divorcee), *Siga a Marinha* (Follow the fleet), *Em Carne e Ôsso* (In Person), *Chapéu Alto* (Top Hat), *Ritmo Louco* (Swing Time), *A Porta das Estrêlas* (Stage Door), *Viva o Amor* (Having a wonderful Time), *Vamos Dançar* (Shall we dance), *Quero Sonhar Contigo* (Carefree), *Casamento em Segrêdo* (Vivacions Lady), *O Bailado da Saüdade* (The Castles) *Mãesinha à Fôrça* (Bachelor Mother), *Sombras da Rua* (Primerose Path), *A Sorte Grande* (Lucky Partners), *Kitty Foyle,* etc. — Êste leitor comunica-me que troca uma foto de Gary Cooper autografada, por outra dos seguintes artistas: Deanna Durbin, Ann Rutherford, Sonia Henie, Myrna Loy e Judy Garland.

441 — MÈLITA *(Lisboa).* — Compreendo perfeitamente o agrado que lhe causou o filme *Uma mulher indomável.* É uma obra que se impõe, a todos títulos. E a Patricia Morison é, de facto, um encanto. — Vejo que V. tem, na realidade, motivos para reinvindicar para si o título da mais antiga cinéfila desta secção. Com efeito, estou convencido de que poucas pessoas se lembrarão do «Terraço Bragança» e das sessões ali realizadas, e muito menos do filme «La Gioconda», que V. me diz ter sido ali exibido, no dia 16 de Agôsto de 1917, Segundo creio êsse Terraço Bragança é hoje o canto da rua António Maria Cardoso que fica entre a Companhia do Gaz e o ex-Retiro da Severa.

442 — PARA CÁ DO MARÃO. —Governam os que lá estão?!...— Podes escrever a todos os astros e estrêlas do Cinema português, por intermédio de *Animatógrafo.* Como hás-de fazer? Envias a carta para as respectivas vedetas, dentro de um envelope dirigido à Redacção da nossa revista ou, então, a êste teu criado. E o resto é connosco...

443 — MISTERIOSA, DEVERAS APAIXONADA. — O teu pseudónimo, apaixonada leitora, é deveras misterioso ...— Não penses que é fácil entrar no cinema. Pela minha parte, procuro não incutir nas minhas leitoras a ideia falsa de que no Cinema entra quem quere, muito embora julgue possuir as qualidades requeridas. No entanto, podes mandar-nos a tua fotografia e eu depois te direi, em face dela, alguma coisa.

444 — LUIZ XV *(Lisboa).* — O entusiasmo com que me falas de Tereza Casal e da Maria Paula é muito suspeito, real senhor. Elas são, de facto, duas raparigas extremamente simpáticas e encantadoras. Mas modera os teus entusiasmos, quando não faço queixa ao Artur Duarte! — Não fiques com essa impressão errónea de que Óscar de Lemos é a vaidade em pessoa. Muito pelo contrário! É verdade que êle foge do convívio do público e que se frusta, tanto quanto pode, a pagar o tributo da celebridade. Mas é justamente pela sua simplicidade e despretensão, que assim procede. — Transmito as tuas saüdações a *Deram-lhe uma Espingarda* e *Maria Cotovia.* — Obrigado pela tocante ideia que tivestе de baptizar um dos teus cães com o nome de Bel. Qualquer dia, quando ouvir assobiar respondo!...

445 — SAUDADE *(Lisboa).* — Tens estado ùltimamente muito preguiçosa! — Achei adorável a tua franqueza e felicito-te por seres uma rapariga de acção! A tua letra é extremamente legível e muito bonita. Não julgues que é lisonja. — Não sei se a Deanna sempre aparecerá esta temporada, em *It's a date.* É de crer que sim. — O «teu» James Stewart surgirá, em breve, nas telas de Lisboa noutro filme: *Peço a palavra!,* de Frank Capra. — Transmito os teus cumprimentos a *Deram-lhe uma espingarda.*

446 — O AÇOITE, etc. — Resumi o teu pseudónimo, porque não tinha interêsse de maior, *in extenso.* — Como queres que eu te dê as moradas de raparigas americanas (de 16 aos 20 anos) que estejam dispostas a corresponder-se contigo? Não quererás que eu te diga em que número sai a Sorte Grande, no próximo sabado?!

447 — AMIGO N.º 1 DE ANIMATÓGRAFO. — Merle Oberon tem em *O Monte dos Vendavais* a sua melhor criação! De facto, a que distância ela está de *O Escândalo na Sociedade!* — Os *Marx no Circo* foi realizado por Edward Buzell. — A direcção de *O Creador de Estrêlas* pertence a Roy del Ruth .

448 — I LOVE SHIRLEY TEMPLE *(Coímbra).* — Ainda tenho em meu poder a tua carta para *Balalaika.* Espero que esta leitora indique para onde a devo enviar. — *Ninotschka* é, sem dúvida, um dos melhores filmes de Greta Garbo. E o Melvyn Douglas tem, ao lado da Divina, o melhor desempenho da sua carreira. — Saúdo, por ti, *Alma Triste e Sonhadora* e *Balalaika.*

449 — MICKEY ROONETE *(Aveiro).* — Tenho vários consulentes em Aveiro, terra da tua naturalidade. — O teu título português para *Mr. Smith goes to Washington* chegou tarde. E foi pena: *Mr. Smith burro de cabeça* tinha muitas probabilidades ao primeiro prémio... — Não respondo às duas duas preguntas, porque não sou forte em charadas. No entanto, não desanimes. Talvez um dia eu consiga saber «qual é a artista portuguesa que gosta mais de natação» e «qual a vedeta americana que se casou mais vezes». No dia em que apurarmos isso, ao certo, a Sétima arte terá dado um grande passo em frente.

450 — DINHAMÁ *(Lisboa)* — «Estou desanimadíssima!» Assustei-me com o começo da tua carta. Mas traqüilizei-me depois! O eterno tema: a demora das respostas! Que queres, *Dinhamá?* Só te posso recomendar um calmante, ou, melhor, um reconstituinte! — *O Romance duma Fugitiva* poderia ter sido um grande filme, se quisessem ter gasto mais alguma coisa com êle. E «queimaram» a Joan Bennett e o Frederic March, num filmesinho de proporções tão modestas...

451 — PERTO SEM A VER — Muito curioso o que me contas na tua carta. Através da leitura da mesma, percebi o significado do teu pseudónimo. Na realidade, foi pena que assim acontecesse. Consola-te, entretanto, com a certeza de que tiveste ensejo de ver um País maravilhoso e inesquecível. — Fico aguardando novas cartas tuas.

452 — BOB TAYLOR *(Lisboa).* — Respondo a três cartas tuas, com as datas de 11, 13 e 16, ao todo 12 páginas de papel comercial! — Ellen Drew: Paramount Pictures, Hollywood, Califórnia. — Ann Rutherford e Lana Turner: Metro Goldwyn Mayer Pictures, Culver City, Califórnia. — Gloria Jean e Andrea Leeds: Universal Studios Universal City, Hollywood. — Êste leitor saúde *René, Balalaika, Uma garota sem Importância* e *Fotogénica.* E deseja corresponder-se com *Faranecas Ld.ª, Uma Garota sem Importância, Grande Amorosa, Ninnete* e *Sem Amor.*

453 — SEM AMOR *(Lisboa).* — *Meu filho e meu rival* é, de facto, um belo filme. A meu ver, não teve aliás o êxito que merecia, se bem que haja agradado a todos quantos o viram. O intérprete a que aludes, e que era o Luiz XIV de *O Homem da Máscara de Ferro* chama-se Louis Hayaward. — *Nápoles em fogo,* de que me dizes não teres gostado, fez em compensação um êxito maior, pois que esteve duas semanas no cartaz do Eden. — Já satisfizemos o teu pedido. Com efeito, publicámos uma excelente foto de Leslie Howard, nas separatas. — Já recebi notícias do *Ex-Serrano.* E transmito-lhe, conforme pedes, os teus melhores cumprimentos.

Bel-Tenebroso



«ANIMATOGRAFO» E A SONORO-FILME vão apresentar brevemente uma **OBRA-PRIMA** do cinema realizada por **LEWIS MILESTONE**

«AS MÃOS E A MORTE»

(OF MICE AND MEN), com **BETTY FIELD, BURGESS MEREDITH** e **LON CHANEY JR.**, o filho do «Homem das Mil Caras»



Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



Cabe à S. I. F. a honra de apresentar a pequenina «grande actriz» JANET CHAPMAN, no filme «A MENINA DA SORTE»

ÊSTE NÚMERO CONTÉM DOIS RETRATOS-BRINDE: BETTY GRABLE E DON AMECHE